

## AGRESSIVIDADE DA CRIANÇA NO ESPAÇO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Giseli Monteiro Gagliotto<sup>1</sup>  
Rosane Berté<sup>2</sup>  
Geisa Valéria do Vale<sup>3</sup>

---

### Resumo

O artigo discorre sobre a agressividade na criança no contexto escolar, utilizando como fundamento teórico a perspectiva psicanalítica, com ênfase na teoria freudiana. As reflexões que seguem referem-se às dificuldades dos professores em intervir nas situações agressivas presentes nos espaços educativos. A teoria psicanalítica e seus postulados sobre a agressividade e a violência, em suas origens pulsionais, psíquicas e também superegóicas, ou seja, históricas e culturais, têm muito a contribuir na compreensão do comportamento agressivo na criança. Para tanto, partiu-se dos conceitos de *pulsão de vida* e *pulsão de morte*, formulados por Freud (1920) por se constituírem como fundamentais para a abordagem da agressividade. Para Freud todos nós somos movidos por *pulsão de vida* (eros) e *pulsão de morte* (thanatos) que estão localizadas entre o corpo e o psiquismo. Desenvolve a relação entre os conceitos de agressividade e afetividade também, segundo o psicanalista Jacques Lacan. Aponta para as diferenças entre os conceitos de agressividade e violência. Propõe uma discussão teórica em torno da agressividade no ambiente institucional-escolar acerca das situações frequentes que ocorrem nesse contexto. Discute o papel de pais e professores frente às situações agressivas. Apresenta possibilidades de intervenção a partir da teoria psicanalítica e suas contribuições para o trabalho educativo.

---

<sup>1</sup> Giseli Monteiro Gagliotto. Rua Octaviano Teixeira dos Santos, 2456 – Industrial – CEP: 85601-030. Fone: (46) 3524-0209. Email: [giseligagliotto@ig.com.br](mailto:giseligagliotto@ig.com.br). Pedagoga, Psicóloga e Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp – SP, é professora Adjunta Nível A do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR. Pesquisadora do Grupo Educação e Sociedade GEDUS-UNIOESTE.

<sup>2</sup> Rosane Berté. Rua Marechal Hermes da Fonseca, 728 – São Miguel – CEP: 85602-140 – Francisco Beltrão – PR. Fone: (46) 3524-7263. Email: [rosaneberte@gmail.com](mailto:rosaneberte@gmail.com). Pedagoga e Especialista em Gestão Político-Pedagógica Escolar pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão – PR., é professora Auxiliar, Colaboradora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão – PR. Membro do Grupo Educação e Sociedade GEDUS-UNIOESTE

<sup>3</sup> Geisa Valéria do Valle. Rua das Flores, s/n. – Nossa Senhora Aparecida – CEP: 85601-010 – Francisco Beltrão – PR. Fone (46) 3524-5624. Email: [geisa\\_valeria@hotmail.com](mailto:geisa_valeria@hotmail.com). Pedagoga pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão – PR e Especialista no Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em: Psicopedagogia Institucional, chancelado pela Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranavaí – FAFIPA – PR.

**Palavras-chave:** Educação; Psicanálise; Agressividade; Criança; Escola

---

## 1 O CONCEITO DE AGRESSIVIDADE NA PSICANÁLISE FREUDIANA

A agressividade faz parte do instinto de todas as espécies, prova disso são os animais que quando ameaçados se comportam de forma agressiva como um meio de defesa ou de sobrevivência. No ser humano a agressividade é desencadeada, também de maneira positiva e necessária ao seu desenvolvimento, pois é ela quem dá o impulso para a busca da realização de desejos, porém pode se constituir em um traço negativo na personalidade, levando inclusive a atos violentos e à destruição.

Com referência à agressividade, tanto Freud quanto Lacan situam-na como constitutiva do eu, na base da constituição do eu e na sua relação com seus objetos. Não negam sua existência, ao contrário, afirmam a agressividade na ordem humana, ordem libidinal. Existe a agressividade, mas ela pode ser sublimada, pode ser recalçada, não precisa ser atuada, pois o humano conta com o recurso da palavra, da mediação simbólica (FERRARIL, 2006, p. 52).

A agressividade pode se manifestar de diversas formas, contra si ou contra o outro e, às vezes, está ligada a um sentimento de rejeição social. A agressividade é abordada na psicanálise com objetivos conceituais, tanto em Freud como em Lacan, autores que demonstraram preocupações com a clínica e com a civilização (FERRARIL, 2006).

A agressividade é definida como

A tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar como agressão (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 11).

A psicanálise tem uma importante contribuição no que se refere à agressividade, por explicar a sua presença desde cedo no desenvolvimento da criança, abordando a sua relação e separação com a sexualidade. Procura na agressividade um substrato pulsional único e fundamental na noção de pulsão de morte.

A agressividade compõe o psiquismo e é manifestação da pulsão de morte, contraposta à pulsão sexual ambas exigindo um arranjo subjetivo entre o eu e o supereu, o qual tem que dar conta do circuito pulsional ao peso de ideais identificatórios da cultura. A cultura impõe restrições à agressividade, e a sexualidade é uma dessas barricadas contra os desejos de destruição, seja pensada em termos de fusão pulsional, seja como uma formação defensiva (FREUD, 1930, p. 134).

Quando Freud (1920) formulou sua segunda teoria pulsional, a agressividade foi reconhecida como uma pulsão específica, e passou a funcionar como o outro nome dos impulsos da pulsão de morte, cuja finalidade é a destruição: “[...] existem essencialmente duas classes diferentes de pulsões: as pulsões sexuais, compreendidas no mais amplo sentido – Eros – se preferem esse nome – e pulsões agressivas, cuja finalidade é a destruição” (FREUD, 1933[32], p.129).

As pulsões de vida, para Freud, são instintos de autoconservação como exemplo a fome, a sede, a fuga à dor e de preservação da espécie (o sexo). E como a morte é o final de todos os indivíduos, existe inerente a cada um de nós um desejo inconsciente de morrer; assim, a agressividade significa a manifestação da morte:

Os instintos de vida e de morte e seus derivados entram em ação agrupando-se, neutralizando-se ou ainda trocando de posição. Por exemplo, a alimentação representa a fusão da fome (instinto de vida) e da agressividade (instinto de morte), pois o comer envolve o morder, mastigar e triturar a comida. O amor, derivado do instinto de vida, portanto sexual, pode tanto neutralizar o ódio, que é instinto de morte, bem como tomar seu lugar (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 24).

Segundo Freud, a agressividade é um fator de ameaça à cultura imposta pela sociedade por produzir um mal-estar nos seres humanos porque obriga que renunciem às suas satisfações para o bem estar da própria sociedade.

A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração. [...] A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas (FREUD, 1930, p. 70).

Quase todas as religiões imprimiram um senso espiritual à civilização, especulando com a noção do pecado original, do mal profundo da pessoa, exigindo a contrapartida da expiação catártica. Isso implica uma tendência agourenta repassada por uma exigência de condenação sem esperança, dentro da qual o vitorioso é o

usurpador, aquele que terá de pagar pela violação das rígidas normas culturais (GOLDBERG, 1984, p. 8).

Em “O Mal-Estar na Civilização”, Freud reconhece que a agressividade, inata no indivíduo, é o principal fator de ameaça do homem à vida em sociedade e afirma que “se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização” (FREUD, 1930, p.72).

O autor defende a tese de que a cultura produz um mal-estar ao homem, tendo em vista, que há uma oposição entre as exigências da pulsão e as da civilização. Em prol do bem da civilização o homem é sacrificado, pagando o preço da satisfação pulsional (a vida sexual do homem e sua agressividade são severamente prejudicadas) (LIMA, 2007). Freud questiona quais os meios que a civilização utiliza para inibir a agressividade que lhe opõe torná-la inócua ou, talvez, livrar-se dela e também sobre o que acontece ao homem para tornar inofensivo seu desejo de agressão.

Sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego. Aí, é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como superego, e que então, sob a forma de ‘consciência’, está pronta para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos (FREUD, 1930, p.76).

Na reflexão de todos os conhecimentos psicanalíticos no que se refere à agressividade humana, no próximo capítulo nosso objetivo é analisar a agressividade da criança no ambiente institucional-escolar representante da cultura.

## **2 AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Pietro e Jaeger (2008) afirmam que a agressividade infantil pode ser manifestada na criança de diversas maneiras em diferentes fases do seu desenvolvimento. Tais manifestações podem ocorrer através de palavras e gestos diretamente ou indiretamente agressivos.

O ser humano, tal como qualquer animal da classe zoológica, nasce com a agressividade necessária a sua sobrevivência, que aparece quando precisa defender seu território, lutar pela alimentação, etc. Assim como também nasce com a amorosidade necessária a sua sobrevivência, que aparece quando precisa conquistar

uma parceira, defender sua prole, etc. Tanto a agressividade quanto a amorosidade podem ser acentuadas em função de distúrbios da própria pessoa, ou do meio ambiente, manifestando-se de forma destrutiva (BISKER; RAMOS, 2006, p. 20).

Para Marcelli (1988) ao nascer, a criança chora, grita, esse é o primeiro sinal da sua agressividade. Normalmente, as crianças apresentam comportamento agressivo frente a situações que as rodeiam. Esse comportamento não significa que vise prejudicar ou violentar alguém; pode simplesmente estar com medo de alguma situação e reagir de forma agressiva, sem a intenção de machucar.

As primeiras condutas diretamente agressivas ocorrem no fim do segundo ano e no curso do terceiro. Anteriormente, a criança pequena pode apresentar reações de raiva, com agitação violenta, bater de pés, gritos, quando não obtém o que espera. Pelos 2 e 3 anos, adota, freqüentemente, um comportamento oposto, colérico. Ao mesmo tempo, ataca, arranha, puxa os cabelos, morde as crianças de sua idade (crianças mordedoras) no parque ou na caixa de areia, às vezes, também em sua família. Depois, essas reações se dissipam: pelos 4 anos, a criança exprime sua agressividade verbalmente, mas não mais em gestos. Suas fantasias agressivas são então, muitas vezes, ricas e numerosas, como o atestam seus jogos, ao mesmo tempo que surgem os sonhos de angústia e de agressão. Há, contudo, uma grande diferença conforme o sexo: os meninos adotam mais seguidamente atitudes agressivas do que as meninas (MARCELLI, 1988, p. 158).

Segundo Klein (1991), durante as brincadeiras, as crianças costumam expressar a sua agressividade em atitudes reveladoras. É preciso observar o contexto em que a criança está inserida para, a partir daí, compreender em que situações a agressividade se manifesta. A autora defende a agressividade (destrutividade) como componente importante para a constituição do psiquismo. A partir da observação de crianças brincando, investigou a vida psíquica, considerada por ela como o mundo interno e como poder da fantasia infantil.

Para a psicanálise, a agressividade é inata ao indivíduo e não deve ser tratada como um distúrbio de comportamento. O prazer e o desprazer têm a mesma importância no desenvolvimento psíquico.

Na psicanálise, a violência é vista sempre em um referencial que mostra que o encontro com a linguagem não é sem consequências para o humano. Compreender a violência por meio desse ensino supõe adentrar-se na constituição do laço social, considerar os discursos que imperam em dado contexto histórico e não perder de vista as formas como os sujeitos são capazes de responder aos mesmos, já que a pulsão está presente também em momentos pacíficos (FERRARIL, 2006, p. 51).

A violência é a agressividade utilizada para fins destrutivos; é um processo de anulação do outro. É um comportamento intencional, uma escolha; enquanto a agressividade é constitutiva, subjetiva, necessária e criativa (PIETRO; JAEGER, 2008).

A agressividade não é manifestada somente através de ações físicas, pode se dar no nível da linguagem oral. Assim, não é preciso bater ou dar um soco em alguém para ser considerado agressivo. A agressividade oral é ainda muito comum nas famílias e no ambiente escolar. Ambas as formas reduzem a auto-estima e prejudicam substancialmente o desenvolvimento da criança. De qualquer forma, o que a criança pode estar querendo expressar ao ser agressiva?

Pode estar querendo receber **atenção**, ou chamar atenção para si; expressar sua **dificuldade de adaptação, ou de compreensão** do mundo em que vive, e das pessoas que a cercam; ser **compreendida** em sua maneira peculiar e simples de ser; expressar **sentimentos de raiva** legítimos **por causas reais e imediatas**; expressar **sentimentos de raiva** legítimos **por causas conhecidas ou não por nós, de fatos já acontecidos** e não assimilados por ela; expressar **sentimentos de insegurança, inferioridade, baixa auto-estima**; expressar a sua **ansiedade** por não entender o funcionamento do esquema social em casa, na escola, onde quer que ela viva; expressar **sentimentos de rejeição**, devido a ninguém lhe dar a devida atenção ou valor; expressar a sua **inabilidade em expressar** seus profundos e verdadeiros sentimentos com relação às pessoas e situações; expressar **identificação** com a figura paterna ou materna, repetindo comportamentos agressivos que ela observa constantemente; expressar **ciúmes** em situações que envolvam irmãos ou pessoas com as quais ela tenha que dividir a atenção e o amor dos pais; **auto-afirmar-se** em situações que envolvam **disputa de poder**: no lar, entre irmãos, quando a criança quer mostrar que é melhor, na escola, entre os colegas; nas brincadeiras com os amigos etc (LOCATELLI, 2004, p. 59-60).<sup>4</sup>

Na sequência serão abordados aspectos referentes à agressividade e à violência intrínseca às relações sociais escolares.

### 3 SITUAÇÕES QUE OCORREM DENTRO DA

Nos espaços escolares, cotidianamente, ocorrem situações de violência entre as crianças e entre os adolescentes. São palavrões, agressões verbais de toda ordem; socos, pontapés, puxões, empurrões, tapas, enfim toda forma de agressão física também estão presentes:

A criança entra na sala eufórica. Você se acomoda na mesa enquanto espera que os alunos se sentem, retirem o material da mochila e se acalmem para a aula

---

<sup>4</sup> Grifos da autora

começar. Nesse meio tempo, um deles grita bem alto: ‘Ô, cabeção, passa o livro!’ O outro responde: ‘Peraí, espinha’. Em outro canto da sala, um garoto dá um tapinha, ‘de leve’, na nuca do colega. A menina toda produzida logo pela manhã ouviu o cumprimento: ‘Fala, metida!’ Ao lado dela, bem quietinha, outra garota escuta lá do fundo da sala: ‘Abre a boca, zumbi!’ E a classe cai na risada (CAVALCANTE, 2004, p. 58).

Na maioria das vezes, os professores se sentem impotentes para lidar com tais comportamentos; até mesmo porque gostariam de compreender o fenômeno da agressividade na sua relação com o desenvolvimento humano. Não somente no que se refere à teoria da estruturação da personalidade, mas também aos aspectos sociais e culturais que possam estar diretamente relacionados aos diversos comportamentos agressivos que emergem no ambiente escolar.

A agressividade nas escolas gera indisciplina e conseqüentemente o ensino e a aprendizagem são prejudicados, pois os professores têm dificuldades em estabelecer limites no ambiente escolar e não sabem quando devem intervir nas situações e comportamentos que ocorrem.

Segundo Friedmann (1996) a criança perturbada irá sofrer um bloqueio no seu desenvolvimento e dentre os fatores que podem influenciar a criança a praticar atos agressivos estão: a afetividade e a falta de motivação. Por afetividade pode-se citar os afetos mais comuns que são o amor, o ódio, o medo, a insegurança, a tensão, a alegria e a tristeza.

A agressividade está presente nos espaços escolares e a escola, ao mesmo tempo, em que pode ser um caminho para a sociedade e para a cidadania, pode se tornar um ambiente de exclusão social. Porém, o ambiente escolar deve ser visto de forma significativa, já que existem diversos métodos para lidar com comportamentos agressivos e modificá-los.

A partir da teoria psicanalítica é possível interpretar a agressividade e a violência, pois segundo Freud a evolução da libido infantil ocorre desde a fase oral até a fase fálica devendo ser acompanhada pelo desenvolvimento afetivo no ambiente em que a criança está inserida. Lacan, também trata destas questões, em um retorno a Freud fazendo uma análise do inconsciente como linguagem.

Mas, como lidar com situações de agressividade e violência?

#### **4 COMO LIDAR COM SITUAÇÕES AGRESSIVAS: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE**

A agressividade é um comportamento rejeitado pela sociedade e, portanto, pela escola. É um mecanismo de defesa do EU, caracterizada por reações que podem ser representadas através de comportamentos destrutivos.

Não são isolados os fatores que compõem a agressividade infantil; é uma série de fatores que se originam durante a infância. Referem-se às questões de limites e repressões das pulsões. Alguns pais e, também, professores receiam impor limites às crianças porque acreditam que esta atitude possa ser entendida como agressividade. Desta forma, acabam dificultando a relação entre a criança e o social. A leitura que Lacan faz de Freud é marcada pela Linguística e necessariamente substitui o modelo clássico biológico fundante da psicanálise pelo modelo antropológico-cultural. Isso significa que o inconsciente passa a ser entendido não como uma instância psicológica entre o somático e o psíquico, mas como estruturado pela linguagem e na relação do sujeito com o “Outro”.

[...] além de ser o celeiro do simbolismo, o inconsciente é também o manancial da busca do ‘outro’, de alguém ou de alguma coisa onde possa efetivamente produzir sentido. Não há um inconsciente propriamente individual. Enquanto linguagem, as produções do inconsciente estão sempre referidas a um ‘outro’, estarão sempre dirigidas a um destinatário e cunhadas pela presença desse outro no discurso. Na verdade, o inconsciente não está nem no indivíduo nem fora dele, mas exatamente no espaço da relação que se estabelece entre o ‘Eu’ e o ‘Outro’ (JUSTO, 2004, p. 75).

O contexto em que a criança está inserida, seja na família, na escola ou em qualquer instância da sociedade, tem influência no comportamento agressivo da criança. As manifestações de agressividade com a qual a criança convive contribuem de forma acentuada para a reprodução desses comportamentos aprendidos. Estas estão relacionadas às tendências pulsionais que quando recalçadas geram frustrações e faz com que o indivíduo descarregue a energia de outras formas, como por exemplo, emitindo comportamentos anti-sociais.

Segundo Friedmann (1996), a raiva, a contrariedade ou a frustração da criança que não consegue satisfazer as suas vontades, pode estar representada na birra infantil. É comum a criança se jogar no chão, gritar, dar pontapés, bater no chão com as mãos ou com os pés, ou até mesmo bater a cabeça contra a parede e jogar os objetos que estão à sua volta. Algumas crianças também rasgam ou mordem os objetos que estão ao seu alcance, destroem brinquedos externalizando sua agressividade. Frente a tais comportamentos, pais e professores devem manter-se calmos, firmes e não ceder à criança; pois ela usará esses recursos para

satisfazer seus caprichos. Porém, ao perceber que estas atitudes não produzem efeito, logo desistirá.

Pais e professor precisam saber que em qualquer contexto social, quer no âmbito da família ou em uma sala de aula encontram diferentes subjetividades. Sendo assim, na esfera escolar os professores não terão seus objetivos uniformizados. Um professor orientado pela teoria psicanalítica saberá orientar seus alunos a realizarem atividades intelectuais que estimulem o processo de sublimação próprio de cada criança.

[...] introduzido por Freud, este termo designa o mecanismo de defesa pelo qual certos impulsos inconscientes são desviados de seus objetos primitivos para fins socialmente úteis e integram-se a personalidade. A sublimação tem um papel importante na adaptação do indivíduo a seu meio, permitindo seu ajustamento social sem, contudo, inibir o seu desenvolvimento pessoal. Na sublimação é possível canalizar pulsões destrutivas para fins socialmente úteis (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 27).

No campo educativo é importante que o professor saiba utilizar a energia dos impulsos parciais buscando realizar algumas transformações. Por exemplo, a curiosidade da criança transformada em desejo de saber; atividades lúdicas e artísticas transformadas em produção cultural socialmente valorizada. A psicanálise reconhece que a agressividade (pulsão de morte) é um mal inato na espécie humana. Ainda assim, tem clareza de que este mal jamais poderá ser arrancado de cada indivíduo. É por isso, que tal ciência apresenta como proposta para educação, a canalização desse mal para objetivos socialmente úteis através da sublimação.

Portanto, o presente trabalho nos põe diante de um entendimento de que a agressividade, num primeiro momento, não pode ser diagnosticada na escola como distúrbio de comportamento ou problema de aprendizagem. Inicialmente, é preciso identificar se as crianças que apresentam comportamento agressivo no espaço escolar estejam defasadas em sua ludicidade e criatividade. A criança inibida de demonstrar suas capacidades pode apresentar atitudes agressivas para chamar a atenção do professor e até mesmo dos colegas. Atitudes como quebrar objetos, riscar as paredes da sala de aula ou até mesmo rasgar o caderno são formas de demonstrar esta pulsão agressiva internalizada.

Para Scharfetter, citado por Galhordas, Lima e Encarnação (2007), a agressão é o ataque verbal ou efetivo a seres ou coisas, e a agressividade é a disponibilidade, ou disposição para a agressão e combatividade. A palavra agressão significa acometer alguém ou algo, uma aproximação a pessoas ou coisas que se rodeia de um determinado exercício e

intencionalidade. Refere que a agressividade se constitui como uma parte essencial do nosso comportamento, muito importante para a preservação do indivíduo e da espécie, e possibilita a afirmação do ser no mundo.

A agressão que o aluno dirige para quem quer que seja, à professora, aos colegas, à direção, tem uma mensagem e precisa ser escutada. Quando o professor percebe que seu aluno está agressivo, deve colocar-se a escutá-lo. Castigá-lo reforçará tal comportamento agressivo, uma vez que algumas crianças preferem atenção negativa a nenhuma atenção.

É preciso buscar reflexões sobre o papel da família, da escola, e de toda a sociedade frente a este problema que se agrava em grande dimensão, tanto a escola quanto os professores precisam entender e exercer o seu papel social, comprometendo-se com a transformação do indivíduo em desenvolvimento.

Atitudes repressivas com crianças que já apresentam algum tipo de comportamento agressivo não são recomendadas porque podem agravar o sintoma, especialmente nas questões referentes às dificuldades de aprendizagem. Por isso é importante que pais e educadores vejam as atitudes agressivas também, como positivas e reconheçam como fundamental para sobrevivência da criança, buscando transformá-las na construção do conhecimento e nunca em instrumento de destruição.

A agressividade precisa ser cuidada para que a criança sinta-se segura do afeto dos pais, aprendendo a administrar os seus sentimentos. Não se deve ignorar a atitude agressiva da criança; os pais precisam primeiramente entender o que está acontecendo com o seu filho e orientar sobre o que fazer com o que está gerando o comportamento agressivo.

Quando os pais deixam seus filhos livres para fazer o que querem, não pensam que esta atitude poderá trazer consequências negativas. Dar liberdade total aos filhos como forma de demonstrar amor e carinho, sem estabelecer regras, faz destes indivíduos dependentes, inseguros, incapazes de resolverem situações problemáticas, insatisfeitos com a vida e sem perspectivas de futuro. Na ausência de limites, as crianças podem tornar-se agressivas, rebeldes, indisciplinadas, cheias de conflitos internos, egoístas, intolerantes, porque acreditam que sempre serão protegidas e terão alguém para satisfazer as suas necessidades.

Em virtude de algumas dificuldades familiares em relação à educação, muitos pais erram por falta de limites na educação de seus filhos, sendo extremamente permissivos; não desenvolvem na criança hábitos de obediência e respeito a regras. Desse modo, essas crianças em contexto escolar são muito difíceis de relacionar tanto com os colegas quanto com o pessoal adulto, pois só fazem o que querem e na hora que querem, perturbando o andamento das atividades para os outros e não

conseguindo aprender, muitas vezes porque não querem fazer nada que não estejam dispostas. (LOPES, 2000, p.39).

Os pais, muitas vezes, não têm conhecimento de que a falta de autoridade representa, para os filhos, falta de afeto. Dar limites às crianças é dar a elas segurança.

Quando a criança apresenta sinais de agressividade, é comum pais e educadores acharem estranho, pois o que eles sentem diante de tais situações é dificuldade para lidar com tais comportamentos devido ao fato de não entenderem a sua própria agressividade. Por não saberem como lidar com tais comportamentos, os pais acabam reprimindo as manifestações agressivas dos filhos. Pode ocorrer também dessa agressividade voltar-se contra o próprio indivíduo em forma de auto-agressão ou autodestruição. “O professor, enquanto um tipo humano, representa o espelho no qual o aluno se mira para se reconhecer ou rejeitar as imagens de si e do seu mundo ali refletidas” (JUSTO, 2004, p.95).

O mesmo autor afirma que tanto os educadores quanto os pais são como um espelho para as crianças, e é através destas imagens que o aluno irá se constituir enquanto pessoa e enquanto sujeito em desenvolvimento em busca de conhecimento.

Como sabemos, nem sempre a mãe ou o pai conseguem ocupar efetivamente o lugar que lhes cabe na relação entre si ou com os filhos. Podem se tornar extremamente distantes, recusando a função materna ou paterna, ou procurar uma aproximação exagerada, transformando-se em ‘amiguinhos dos filhos’, ou então se colocar em oposição, produzindo verdadeiras colisões ou esmagamentos do lugar do filho. Em qualquer um desses casos não há lugares bem delimitados e construídos na relação. No primeiro, há um esvaecimento de um e outro pela negação e recusa dos vínculos; no segundo, os lugares estão fantasmaticamente sobrepostos, colados, impedindo a diferenciação e, no terceiro, o antagonismo exarcebado cria a mesma dependência e a mesma confusão dos lugares pela negação, onde cada um se define não por afirmar o que é e pretende, mas por se afirmar em oposição ao outro (‘sou e quero o que ele não é e não quer’) (JUSTO, 2004, p. 97).

Há professores que tratam os alunos com gritos e castigos levando-os ao aumento da sua agressividade e à baixa auto-estima. Muitos adultos têm o hábito de realizar comparações entre as crianças, contribuindo para o aumento do seu comportamento agressivo, uma vez que as crianças podem se sentirem inferiorizadas.

É tarefa de pais e professores cuidar para que as crianças nunca se vejam diante de uma autoridade tão fraca a ponto de ficarem livres de qualquer controle ou, por medo, assumirem elas próprias a autoridade. A assunção de autoridade provocada por ansiedade significa ditadura, e aqueles que tiveram a experiência de deixar as crianças controlarem seus próprios destinos sabem que o adulto tranqüilo é menos cruel, enquanto autoridade, do que uma criança poderá se tornar se for sobrecarregada com responsabilidades. (WINNICOTT, 1999, p.101).

O professor é visto pelos alunos como um detentor do conhecimento, e a partir desta visão, assume o poder que lhe cabe.

A figura do professor na sala de aula funciona como a dos pais no grupo familiar. É a partir dela que se constituem os lugares específicos de cada aluno e é por ela que passam os vínculos afetivos e os relacionamentos estabelecidos entre os alunos. O professor precisa ter noção de toda essa sua implicação como elemento mediador das relações do aluno com o objeto do conhecimento e de toda a rede de relacionamentos constituída na sala de aula (JUSTO, 2004, p. 100).

Quando um aluno é vítima de uma situação agressiva ou até mesmo violenta dentro da instituição escolar, é comum não querer ir à escola. Desta forma, pais e professores não devem forçar este aluno até que as medidas necessárias sejam tomadas. Segundo Castro e Barbazán (2008) os professores devem reunir grupos de estudantes para trabalhar nas regras da classe, analisar os problemas existentes na sala de aula, escrever as normas específicas no quadro de avisos, estabelecer consequências quando as regras não forem observadas; revisar o desempenho das regras nas sessões monitoradas semanalmente e fazer campanhas de combate à violência.

O processo de criar laços verdadeiros de afeto leva tempo, portanto pais e professores devem usar o poder de forma amorosa para resolver os conflitos. Algumas proposições psicanalíticas podem contribuir para a educação.

## **5 PSICANÁLISE E SUAS CONTRIBUIÇÕES DIANTE DA AGRESSIVIDADE E DA VIOLÊNCIA**

Através dos estudos e pesquisas no que se refere à teoria psicanalítica freudiana sabe-se que a psicanálise teve uma importante influência nos casos tratados por ela, no que se refere à constituição do “eu” e na subjetividade dos seres humanos desde o nascimento.

Freud nutria esperança de que a Psicanálise, uma teoria explicativa da natureza, do funcionamento e da forma de desenvolvimento do psiquismo, pudesse contribuir para reformar os métodos e objetivos educacionais, exercendo, assim, uma ação profilática. Autoras como Catherine Millot, em *Freud antipedagogo*, e Maria Cristina Kupfer, em *Freud e a Educação – o mestre do impossível*, mostram que a Pedagogia e a Psicanálise caminham em sentidos opostos. Enquanto a primeira tem

como meta a estabilidade e a previsibilidade, a segunda trabalha com um ferramental altamente imprevisível (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 35-36).<sup>5</sup>

O professor pode contribuir na formação do aluno ajudando-o a equilibrar suas emoções na construção do EU e assim, o desenvolvimento e aprendizagem irá ocorrer de uma forma mais eficaz. A escola, através do estudo da teoria psicanalítica, pode fazer com que o sujeito busque alternativas e desenvolva o prazer de aprender. Dentro da perspectiva psicanalítica, o professor, pode realizar atividades que otimizem o desenvolvimento da criança e levar a psicanálise para a sala de aula. Mas, é preciso compreender que a educação e a psicanálise não podem prometer um bem.

A contribuição da psicanálise à educação, portanto, consistiria essencialmente na descoberta da nocividade desta, ao mesmo tempo, que da sua necessidade. Não há aplicação possível da psicanálise à pedagogia; não há pedagogia analítica no sentido de que o pedagogo alinharia sua posição subjetiva com a do analista, e adotaria 'uma atitude analítica' para com o educando. Tudo o que o pedagogo pode aprender da e pela análise é saber pôr limites à sua ação – um saber que não corresponde a nenhuma ciência, e sim à arte (MILLOT, 2001, p. 154)

É salutar que o professor conheça os fenômenos que permeiam a sua relação com a criança e não reaja às provocações desta de maneira indesejável. O processo de identificação da criança com o professor é importante tanto para a sua aprendizagem quanto para o desenvolvimento da sua personalidade. (GOULART, 2000).

[...] A identificação é um processo inconsciente, embora às vezes se confunda com o esforço deliberado de modelar-se segundo uma pessoa da vida real ou um herói de ficção. Este mecanismo encontra-se na base de toda a aprendizagem, desde aquela da criança com a mãe até a que se processa no interior da escola, onde o aluno tem o desejo de tornar-se igual à pessoa admirada, de tornar o professor, seu conhecimento e suas qualidades, parte de si próprio. (GOULART, 2000, p. 128).

Conclui-se, portanto, que as contribuições da psicanálise têm fundamental importância com relação ao processo ensino-aprendizagem, porque, na medida em que o professor adquire conhecimentos psicanalíticos sobre desejo, libido, pulsões, transferência e sublimação existe a possibilidade de compreensão da natureza do outro no processo de aprendizagem individual.

As fantasias das crianças são expressas no brincar e na fala e o professor pode, desde a fase pré-escolar, ser orientado para lidar com elas. Os mecanismos de defesa, amplamente usados pelas crianças, devem ser identificáveis pelos professores, a fim de que eles possam auxiliá-las, retomando os problemas que as

---

<sup>5</sup> Grifos da autora

levaram a usar tais mecanismos e fazendo com que elas o encarem. A regressão, modo de lidar com uma ansiedade por um retorno a maneiras primitivas de consolo, deve ser percebida pelo professor, a fim de que ele ajude o aluno a superar suas dificuldades (GOULART, 2000, p. 128).

É preciso, também, resgatar a criança interior do professor como forma de aprimorar a relação ensino-aprendizagem, pois o professor analisado ou que tem algum conhecimento da psicanálise pode compreender melhor os comportamentos infantis e atender as necessidades das crianças, selecionar e adotar formas de fornecer as oportunidades escolares de que a criança pode lançar mão em cada situação (GOULART, 2000).

Por fim, quanto à afirmação de que educar é impossível, acredita-se que seja impossível enquanto processo pronto e acabado, já que se trata de um processo vivo e infinito, pois enquanto se vive, se aprende através das experiências.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou refletir a partir da teoria psicanalítica as questões que envolvem a agressividade infantil, visto que se percebe a dificuldade de pais e educadores em intervir nas crianças que apresentam comportamentos agressivos. Constata-se que a família e os profissionais da educação sentem-se despreparados para trabalhar a questão da agressividade. A família, muitas vezes não tem estrutura para que as crianças se desenvolvam em um ambiente calmo.

Freud notou que os distúrbios histéricos de suas pacientes estavam relacionados aos sentimentos reprimidos que tinham origem nas experiências sexuais perturbadoras. A Psicanálise é a ciência que estuda o inconsciente humano, sendo o homem controlado pelo inconsciente. Para Freud (1915, p. 149), “as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável, em nome da qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor”.

A partir dos psicanalistas estudados, cada teoria possui seus próprios procedimentos e consequentemente suas novas descobertas e as teorias dependem também do contexto e da época em que cada autor estava inserido. Enquanto Freud utiliza o sonho como modelo, Winnicott criou suas teorias a partir do estudo da relação mãe e recém-nascido. Ambas as teorias são diferentes, pois as mesmas foram elaboradas através de experiências clínicas

diferentes. Para Winnicott, embora a agressividade esteja relacionada ao funcionamento psíquico humano, a violência não é sua resultante natural.

No decorrer do trabalho observou-se que em algumas circunstâncias, a agressividade faz bem. No entanto, pessoas que não conseguem controlar suas emoções e sua agressividade acabam se tornando violentas. De acordo com as obras estudadas é importante salientar que o ambiente familiar tem grande influência na formação do caráter e personalidade dos indivíduos. Por outro lado, a escola oportuniza à criança experiências tanto de conforto social como de desafio. Além de conteúdos e conhecimento, o professor precisa transmitir valores e comportamentos. Quando um aluno é classificado como bom, o professor não se refere a sua criatividade e ao seu pensamento, mas sim, a sua disciplina, as boas notas e o bom comportamento. Sendo assim, a escola não pode garantir que os seus alunos sejam bem educados, pois, muitas vezes, ela não consegue cumprir o seu papel de disciplinadora e cabe também a família a tarefa de socializar a criança.

Quando se fala em agressividade é necessário que pais e professores compreendam que o comportamento agressivo da criança não surge do nada, pois estes comportamentos são construídos na interação social. Portanto, é de fundamental importância conversar abertamente com as crianças, mostrando-lhes comportamentos positivos, através de ações.

Fica, ao final deste trabalho, a importância educacional da compreensão psicanalítica da agressividade *na* criança como fundamental e necessária a sua socialização e desenvolvimento; ao contrário, da visão de agressividade *da* criança, frequentemente associada à violência.

---

## **AGGRESSIVENESS OF CHILD IN THE SCHOOL: A PSYCHOANALYTIC APPROACH**

### **Abstract**

The article discusses aggressiveness in children in the school context, using as a theoretical psychoanalytic perspective, with emphasis on Freudian theory. The reflections that follow refer to the difficulties of teachers to intervene in aggressive conditions present in educational spaces. Psychoanalytic theory and its assumptions about aggressiveness and violence in their instinctual origins, psychic as well as superego, that is, historical and cultural, have much to contribute to the understanding of aggressive behavior in children. To this end, broke the

concepts of life drive and death drive, formulated by Freud (1920) by forming themselves as central to the aggressive approach. For Freud we are all moved by the life drive (Eros) and death instinct (thanatos) that are located between the body and psyche. Develops the relationship between the concepts of aggressiveness and affection as well, according to the psychoanalyst Jacques Lacan. Points to the differences between the concepts of aggressiveness and violence. Proposes a theoretical debate on the institutional environment of aggressive school-on situations that occur frequently in this context. Discusses the role of parents and teachers against the aggressive situations. Presents possibilities of intervention from the psychoanalytic theory and its contributions to educational work.

**Keywords:** Education; Psychoanalysis; Aggressiveness; Child; School

---

### REFERÊNCIAS

BISKER, Jayme; RAMOS, Maria Beatriz Breves. **No risco da violência:** reflexões psicológicas sobre a agressividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

CASTRO, Manuel Armas; BARBAZÁN, Maria Armas. **Violência na Escola.** São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

CAVALCANTE, Meire. Como lidar com “brincadeiras” que machucam a alma. **Revista Nova Escola.** São Paulo, n. 178, p. 58-61, dez. 2004.

FERRARIL, Ilka Franco. Agressividade e violência. **Revista Psicanálise Clínica.** Rio de Janeiro, vol. 18, n° 32, p. 49-62, 2006.

FREUD, Sigmund. Da guerra e da morte. Temas atuais (1915). In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Obras completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

\_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vols. XV e XVI, Rio de Janeiro: Imago, (1916-1917 [1915-1917]).

\_\_\_\_\_. O mal-estar na civilização (1930). In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

\_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias em psicanálise (1933 [1932]). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar:** crescer e aprender – O resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

GALHORDAS, João; LIMA, Paula; ENCARNAÇÃO, Tânia. Marte: da agressividade ao amor – a compreensão da agressividade nas pessoas com lesão vertebro-medular. **Revista Análise Psicológica**. [online]. Out. 2007, vol.25, n.4, p.603-611. Disponível em: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312007000400006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312007000400006&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0870-8231. Acesso em: 05/08/2011.

GOLDBERG, Jacob Pinheiro. **Psicologia da Agressividade**. São Paulo: ICC, 1984.

GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da Educação: fundamentos, aplicações à prática pedagógica**. 7. ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2000.

JUSTO, José Sterza. A Psicanálise Lacaniana e a Educação. In CARRARA, Kester. (Org.). **Introdução à psicologia da educação**. São Paulo: Avercamp, 2004. (p.72-107)

KLEIN, Melanie. A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. In: \_\_\_\_\_. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 149-168. (Obras Completas de Melanie Klein, v. 3)

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. Sob a direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, Laís de. **O Mal-Estar na Civilização (1930) – Resenha**. 2007. Disponível em: <http://www.palavraescuta.com.br/textos/o-mal-estar-na-civilizacao-1930-resenha> - Acesso em: 06 abr. 2011.

LOCATELLI, Cristina. **Agressividade Infantil: relax e reprogramação emocional para crianças: um guia para pais, educadores, professores e futuros pais**. São Paulo: M. C. S. C. Locatelli, 2. ed. Sucesso, 2004.

LOPES, Maria da Glória. **Jogos na educação: criar, fazer, jogar**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2000.

MARCELLI, Daniel. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1988.

MILLOT, Catherine. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2001.

PIETRO, Patrícia Pereira; JAEGER, Fernanda Pires. Agressividade na infância: análise psicanalítica. **Revista Visão Global**, Joaçaba, v. 11, n. 2, p. 217-238, jul./dez. 2008.

SHIRAHIGE, Elena Estuko; HIGA, Marília. Matsuko. A contribuição da psicanálise à educação. In CARRARA, Kester. (Org.). **Introdução à psicologia da educação**. São Paulo: Avercamp, 2004. (p. 13-46)

WINNICOTT, Donald. **Privação e delinquência**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

**Data de recebimento: 15/08/2011**

**Data de aceite: 22/09/2011**